



---

## **NARRATIVAS E HISTÓRIAS DE UM LÍDER QUILOMBOLA: A TRAJETÓRIA DE VIDA DO SENHOR JOSÉ ATANÁZIO DE LIMA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA NOSSA SENHORA APARECIDA DO CHUMBO DO MUNICÍPIO DE POCONÉ/MT**

Luciano da Silva Pereira (EM. Norberto José Gehlen)  
[luciano.educmt@gmail.com](mailto:luciano.educmt@gmail.com)

### **Introdução**

Este ensaio tem como objetivo conhecer, analisar e compreender o percurso de vida de seu “Juca”, compreender as formas de enfrentamento das discriminações raciais vivenciado por ele durante seu percurso familiar, escolar, o contexto histórico da comunidade e seu processo de ascensão social na Comunidade Negra Rural Nossa Senhora Aparecida do Chumbo, localizada no Município de Poconé/MT.

As investigações focadas nas Histórias de vida vêm conquistando significativamente uma visibilidade no campo da pesquisa acadêmica. A partir da década de 80, os estudos sobre o percurso de vida de líderes, docentes, artistas, que tratam de suas biografias, história de vida, narrativas de formação, autobiografias se multiplicaram trazendo à sociedade histórias de alegrias, tristezas e superação, levando aos leitores a oportunidade de mergulhar numa história que, por muito tempo, permaneceu invisibilizada pelas produções acadêmicas e científicas, principalmente, das comunidades quilombolas.

A história da escravidão no Brasil persistiu, aproximadamente, por mais de trezentos e cinquenta anos, movimentação que trouxe para o País milhares de africanos na condição de escravizados, os quais perderam a condição de pessoa humana, passando a ser tratados como “coisas”. Porém, com a resistência e luta de muitos deles, a história desse segmento populacional começou a tomar rumos diferentes.

Inúmeros estudos apontam que os escravizados, apesar da força e do poder institucional da escravidão, reagiram diante da submissão e opressão que a eles eram impostas.

Os escravos, ao reagirem, criaram comunidades alternativas, estruturadas política e economicamente, forjando espaços complexos e originais de ações políticas; perseguiram insistentemente a alforria, buscavam autonomia na produção, investindo na criação de laços de família. (CASTILHO, 2011, p. 62).

Segundo Munanga (2001), os quilombos, de origem africana, organizaram-se no Brasil com o objetivo de fazer oposição à estrutura escravocrata e eram utilizados pelos escravizados como forma de escapar à dominação dos senhores, tornando-se, portanto, espaços nos quais os escravos fugitivos se escondiam.

Essas comunidades continuam suas lutas se reafirmando e buscando a valorização da sua cultura, e, principalmente, o reconhecimento dos seus direitos, à terra, e do acesso à educação e saúde.

Devido a esses movimentos de lutas políticas, hoje, os quilombos contemporâneos estão presentes em diferentes estados brasileiros, de acordo com a Fundação Cultural Palmares, órgão responsável pela emissão da certidão de autodefinição<sup>1</sup>, são mais de 2.600 comunidades espalhadas pelo território brasileiro.

A colonização do estado de Mato Grosso teve início na metade do século XVIII, com intuito de exploração do ouro nas margens do riacho Prainha dando origem ao Arraial de Cuiabá em 1727, nesse movimento, ocorre também à introdução dos escravos, este fato foi intensificado com a criação da Capitania de Mato Grosso em 1748 (EVANGELISTA, 2010), a intenção era utilizar os escravos para atividades de mineração, agricultura e pecuária.

As principais vilas e povoados em número de negros em Mato Grosso na fase de Capitania eram: Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá, Vila Bela da SS. Trindade, Vila Maria (Cáceres), Lugar de Guimarães (Chapada dos Guimarães), Cocais (Nossa Sra. Do Livramento), Diamantino, São Pedro Del Rey (Poconé), São Francisco Xavier, Ouro Fino, Nossa Senhora do Pilar, Forte Coimbra e Príncipe da Beira (EVANGELISTA, 2010, p. 86).

A referida autora afirma que essas vilas e esses povoados têm predomínio de povos do tronco linguístico Banto, da África Central, os Congos, Benguelas e Angolas<sup>2</sup>. E, assim como

---

<sup>1</sup> Esclareço que, apesar da Fundação Cultural Palmares emitir a certidão de autodefinição, é o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) o órgão responsável pelas reconhecimentos, demarcações e titulação das áreas de remanescentes de quilombos por força do Decreto nº 4.887, de 2003.

<sup>2</sup> “Os etnônimos comumente usados podem referir-se aos portos exportadores na África e não às denominações culturais, Benguela, por exemplo, é uma cidade na atual Angola e não necessariamente uma nação/etnia. Estas informações aparentemente identitárias trazem algum padrão cultural sobre a região de exportação, mas não são completamente seguras” (EVANGELISTA, 2010, p.89).

no restante do Brasil, os que reagem contra a submissão em forma de pequenos enfrentamentos, e fugas coletivas e individuais, colaboravam com a formação de quilombos (MOURA, 2009).

No estado Mato Grosso, há 70<sup>3</sup> comunidades formalizadas e certificadas, em 8 delas, a unidade escolar quilombola<sup>4</sup> já é uma realidade.

Esse espaço físico do quilombo, ganha um novo sentido a partir da Constituição Federal de 88, o Artigo 68 dos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) culminou uma transformação histórica, política, cultural e fundiária para este grupo, garantindo em lei a posse desses territórios por esses sujeitos (FERREIRA, 2010).

Diante das regulamentações territoriais, o termo “remanescente de quilombo” empregado na Constituição passa a ser foco de diferentes estudos. Atualmente, as pesquisas evidenciam que, ao considerarmos essa terminologia, extraímos uma significação um tanto equivocada, ou seja, uma definição de que estes espaços e grupo social se constituem de negros fugidos e rebeldes. Não podemos radicalmente considerar que este grupo é apenas formado por negros e/ou negros fugidos e que esses são isolados. Devemos entender que as comunidades quilombolas se constituíram e se constituem de diversas formas.

Para Bastos (2009), os quilombos se constituem em movimentos de reivindicações sociais e políticas, transformando positivamente sua identidade negra. Sendo espaços nos quais se desenvolvem práticas culturais e religiosas, Silva (1995), citado por Castilho (2011), entende que essas comunidades são núcleos de resistência contemporâneos.

Essas comunidades continuam suas lutas se reafirmando e buscando a valorização da sua cultura e, principalmente, o reconhecimento dos seus direitos, à terra, do acesso à educação e à saúde.

Ao analisar o processo histórico dos quilombos, é possível perceber que a história dessa parcela da população foi e tem sido construída por meio de diversas estratégias de lutas contra o racismo, pelo respeito à diversidade sociocultural, pela vida, pelo desenvolvimento de políticas públicas que reparem e garantam o direito à moradia, à saúde, à educação e ao trabalho a todos os membros integrantes das comunidades quilombolas (MUNANGA, 2001).

---

<sup>3</sup> Dados atualizados até 22 de julho do ano de 2015, fonte site [www.palmares.gov.br](http://www.palmares.gov.br).

<sup>4</sup> Mato Grosso conta com escolas quilombolas nos municípios de Chapada dos Guimarães, Santo Antônio do Leverger, Cuiabá, Várzea Grande, Poconé, Barra do Bugres, Nossa Senhora do Livramento e Vila Bela da Santíssima Trindade. As unidades atendem cerca de três mil alunos.

Segundo Almeida e Miranda (2015), ao longo dos tempos, as comunidades negras rurais têm marcado sua trajetória preservando suas tradições e seus costumes. Este processo de preservação é possível por meio da oralidade e memória dos primeiros moradores destas comunidades, nos momentos das rodas de conversas, nas contações de histórias, nas atividades desenvolvidas nas terras, os mais velhos transmitem o conhecimento aos mais novos, buscando sempre preservar os costumes e as tradições que, por um longo período, foram desenvolvidos na comunidade.

## **ESCLARECIMENTOS METODOLÓGICOS E DESCRIÇÃO DO *LÓCUS* DA PESQUISA**

Segundo Miranda (2009, p. 32), “a memória constitui-se como elemento de significativa importância para a reconstituição do processo histórico desses remanescentes”.

Para Almeida e Miranda (2015, p. 2), as narrativas estão presentes no dia a dia das pessoas, e devem ser compartilhadas como processo de manter viva as histórias de uma população que contribuiu para o desenvolvimento da sociedade brasileira:

As narrativas orais fazem parte dos modos de ser, viver e reviver as experiências cotidianas e passadas. É a forma como a memória é compartilhada, como a história do lugar e das pessoas que lá vivem é registrada, sendo a oralidade um dos elementos que compõem as comunidades de matriz africana (ALMEIDA; MIRANDA, 2015, p. 2).

Ao transmitirem esta história pelo processo da memória pela oralidade, os mais velhos se firmam como os guardiões da tradição, entendida como uma construção do passado, deixando o legado para o presente e o futuro.

Para Pollak:

Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. (...) O trabalho do historiador faz-se sempre a partir de alguma fonte. É evidente que a construção que fazemos do passado, inclusive a construção mais positivista, é sempre tributária da intermediação do documento. Na medida em que essa intermediação é inescapável, todo trabalho do historiador já se apoia numa primeira reconstrução. Penso que não podemos mais permanecer, do ponto de vista epistemológico, presos a uma ingenuidade positivista primária (POLLAK, 1992: 8).

Ao entrevistador cabe a tarefa de praticar e identificar as suas sensibilidades, Portelli (1997: 19) destaca a importância das boas maneiras e da ética do trabalho de campo.

Para uma parte da coleta de dados, foi utilizado o método da história oral, tendo como recorte a história de vida. O relato, atualmente denominado de história oral, “se constituiu a maior fonte humana de conservação e difusão do saber” (QUEIROZ, 1991, p. 2).

Essa autora afirma que o relato oral serve de registro da memória de um indivíduo ou comunidade. Para ela, a narrativa oral, uma vez transcrita, transforma-se em documento, semelhante a qualquer outro texto (QUEIROZ, 1991, p. 5).

Neste sentido, a história oral, nas comunidades quilombolas, segundo Alberti (2013), nos permite recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares, dentre outras. Este método nos possibilitou conhecer e recuperar a história de vida, concebido por quem viveu, resgatando sua biografia e memória.

O ancião entrevistado é o Senhor José Atanázio de Lima, conhecido por “Seu Juca”, nasceu na Comunidade do Chumbo no dia 02 de maio de 1948, é neto do senhor Manoel Metelo de Campos<sup>5</sup>, primeiro morador da Comunidade. Seu Juca é considerado um líder comunitário, por suas lutas na busca de melhorias para as comunidades negras rurais da região, é também o guardião da história da Comunidade do Chumbo, uma vez que, juntamente com seus pais, vivenciou momentos de lutas e de conquistas para o desenvolvimento dessa Comunidade.

As lutas e a resistência dos quilombolas é uma forma de identificação individual e coletiva do negro, o que contribui no combate à desigualdade e fortalece os movimentos sociais que discutem a importância que as comunidades negras e indígenas têm para a construção da sociedade brasileira, e, principalmente, como as manifestações culturais desses grupos, constituem a nação brasileira.

A Comunidade Nossa Senhora Aparecida do Chumbo, *locus* desta pesquisa, está localizada, aproximadamente, a 30 km distante do município de Poconé/MT, situada na região pantaneira. É composta por uma população predominantemente negra. No seu entorno, estão localizadas 28 (vinte e oito) comunidades negras rurais quilombolas, certificadas no ano de 2005 pela Fundação Cultural Palmares, dentre elas, a Comunidade do Chumbo, como é conhecida na região.

---

<sup>5</sup>De família negra, Manoel Metelo veio trazido como escravo da Cidade de Patos de Minas/MG para trabalhar na Comunidade de Murraria na região de Poconé.

Neste sentido, a memória e a história oral contribuem para a formação da identidade de uma comunidade, trazendo as crenças, os valores, os costumes, as culturas que servirão de base para a (re)construção da identidade em que estes guardiões da história trazem em sua trajetória.

## **NARRATIVAS E HISTÓRIAS DE UM LÍDER QUILOMBOLA**

Narra seu Juca (67 anos), nascido na Comunidade do Chumbo, juntamente com sua família vivia nestas terras a oportunidade de melhoria de vida: sua primeira residência foi em casa de madeira, coberta por palhas. Segundo ele, sua família era constituída por muitos irmãos:

*Meu pai se chamava Sebastião Rosa de Lima e minha Mãe Florência Francisca da Silva Lima, somos de uma família de 14 irmãos, mas somente 9 sobreviveram. Meu pai todos conhecia como Sebastião Metelo, ele veio para comunidade aos 12 anos de idade, quando tudo ainda era mata, e nossa casa era de madeira de aroeira e palha (Seu Juca, 67 anos, em entrevista realizada no dia 14 de agosto de 2015).*

Seu José Atanázio de Lima nasceu no dia dois de maio de 1948, casou-se com Dona Ana Luiza de Almeida Lima em 1971, com ela, teve quatro filhos, sendo dois homens e duas mulheres, militante na comunidade, a história da comunidade está ligada vinculada ao desenvolvimento da comunidade. Seu pai morou na senzala, vivenciando todo o processo escravista que ocorria na época. Seu Juca não vivenciou este momento de escravidão, mas consegue lembrar as histórias que seu pai relatava de forma emocionada e que trazia a eles a emoção de ter feito parte deste momento.

O pai de seu Juca ao veio para comunidade para trabalhar nas terras adquiridas pelo seu avô. O avô de seu Juca veio para região de Poconé na condição de escravizado, período em que a escravidão ainda vigorava nas regiões brasileiras. Após a realização de um pacto com sua senhoria, via a esperança de uma liberdade que não aconteceria de uma forma tranquila, pois o acordo firmado com os negros, infelizmente, em sua maioria, não era cumprido pelos seus senhores, conforme nos relatou seu Juca:

*Seu Manoel vou fazer um pacto com o senhor, dentro de quatro anos, se você trabalhar direito, sem ter uma reclamação de você, eu vou lhe dar a carta de alforria pra você, você vai viver livre, vai viver sua vida onde você quiser. Se você quiser aqui bem, se não quiser também e você que sabe. [...] Quando completou tempo, não teve nenhuma reclamação, ele disse pra senhoria dele: Pois então, hoje completou quatro anos, eu vim pegar minha*

*carta de alforria, então de hoje em diante eu sou livre por que eu mereço. Daí ele disse pra ele: Não a sua carta de alforria não vou te dar. Meu avô disse a ele: A palavra do senhor não pode voltar atrás (Seu Juca, 67 anos, em entrevista realizada no dia 14 de agosto de 2015).*

Este processo de liberdade de seu Manoel ocorreu, definitivamente, após a intervenção de um grande fazendeiro na região seu Augusto Pedroso, que o recebeu em suas terras, tomou conhecimento do que de fato havia ocorrido, e, junto com seus capangas, foi ao encontro da senhoria de Manoel. Após sua intervenção, foi dada a carta de alforria a este escravizado e o qual via, neste momento, a oportunidade de iniciar uma nova história de sua vida e de sua família nessas terras.

A presença de escravos na região de Pocone-MT se confirma na tese de doutoramento de Almeida (2012), o qual revelou a presença de escravos nesta região, segundo o autor, com o final do período escravocrata e a decadência de ouro nas terras de Mato Grosso, os fazendeiros, com o intuito de ampliar a produção da lavoura e a criação de gado, contavam com os escravos, no entanto, para obterem estes serviços, entregavam parte da área cultivada para eles suprirem suas necessidades, o que demonstra algum tipo de atividade autônoma da população negra nessa região.

No início desta formação comunitária, viviam aqui 20 famílias<sup>6</sup>, atualmente, ainda vivem na comunidade os filhos de Amarílio Álvaro de Sebastião Metelo, de José Metelo. Jacob Metelo e Manoel Cesário. Descreve-nos que a origem do nome da comunidade surgiu com garimpeiros que vieram em busca de ouro e encontraram uma grande quantidade de Chumbo, daí o nome que era Guanandi passou a ser Chumbo.

Segundo relatos de Seu Juca, no início da Comunidade na década de 1900, havia muita fartura, produziam-se arroz, milho, mandioca, feijão e banana. Todos os produtos colhidos eram destinados ao consumo familiar. Criavam-se vacas, das quais eram vendidos os bezerros. Essa produção era trabalhada em comum, sem definir espaços e proporções.

Conforme nos descreveu, a região era composta por matas e chapadões que se estendiam por muitos quilômetros. Não havia cercas que determinavam o limite territorial entre os vizinhos.

---

<sup>6</sup> Maria Ota, Manoel Simplicio, Manoel Cesário, Manoel da Cruz, Manoel Ribeiro, Amaro, Manoel Tomas, José Gregório, Desidério Francisco, Maria Francisca, Antonio José, Otávio, Amarílio Álvaro, Manoel Pedro, Sebastião Rosa, Jacob Metelo, José Metelo, Joana Rainha de Portugal, Amancio e Luiz Bom.

A preparação das terras para o plantio era realizada manualmente, não havendo a utilização de maquinários para facilitar este processo, conforme nos descreveu:

*Fazia só roça de toco né, a gente mexia só na base na foice e machado e enxada, quando acabava este período de preparar a roça, começava a safra de farinha e rapadura. Fazíamos sacos de farinha, lata de rapadura, doce de tudo. Era pra consumo e também para vender (Seu Juca, 67 anos, em entrevista realizada no dia 14 de agosto de 2015).*

No início da Comunidade na década de 1900, havia muita fartura, produziam-se arroz, milho, mandioca, feijão e banana. Todos os produtos colhidos eram destinados ao consumo familiar. Criavam-se vacas, das quais eram vendidos os bezerros. Essa produção era trabalhada em comum, sem definir espaços e proporções.

Durante uma das entrevistas, Seu Juca ofereceu sua casa para hospedagem, neste dia, conversamos sobre os momentos difíceis que passaram na comunidade, principalmente quanto à saúde que era ofertada aos moradores:

*A cidade mais perto era Poconé. Muitas pessoas saíam daqui muito ruins, a condução que tínhamos era o cavalo, mas não tinha charrete, ou também ia de carro de boi, era muito triste de ver. [...] Tinha muita gente que era picada por cobras, algumas viam até meu pai para benzer, mas tinha aqueles que já chegavam aqui muito ruins, e meu pai já falava que não ia ter mais solução, que já podia arrumar o caixão e morria mesmo (Seu Juca, 67 anos, em entrevista realizada no dia 14 de agosto de 2015).*

Destaco, nesta narrativa, a importância da prática do benzimento existente na comunidade, conforme destaca seu Juca, seu pai era um grande benzedor procurado por todos os que residiam na comunidade e na região, colocando, nesta prática, sua fé e esperança na solução de doenças ou pragas nas plantações. A prática da benção é muito comum em comunidades negras, conforme nos afirma Oliveira (1985):

Na roça benzedores e curadores eram quase todos católicos, viviam num espaço de relações de produção marcado pela afetividade familiar e comunitária. Viviam num espaço geográfico restrito, no qual recriavam um universo de experiências marcado por símbolos sagrados. Paralelamente, elas tinham uma relação muito forte com a natureza e possuíam um saber muito útil sobre a agricultura: produziam uma classificação e uma seleção de plantas, ervas e raízes que eram utilizadas como recursos terapêuticos. Deste conhecimento, contudo, parte poderia ser conhecida e partilhada por toda a comunidade. A outra parte era segredo do ofício, transmitido aos novíços em condições muito particulares (OLIVEIRA, op cit, p. 28).

É possível perceber a existência de um saber popular que, no mundo contemporâneo, entra em choque com o saber institucionalizado da medicina científica. Segundo ele, alguns



acreditavam nesta prática outros julgavam como feitiçaria. Em outro momento de nossa conversa, seu Juca nos contou a atividade das parteiras, outro fato que causava sofrimento em algumas famílias, quando havia complicações:

*[...] As parteiras era muito experientes. Não tinha médico, muitas crianças morriam, ao nascer, como as mulheres também, pois não tinham forças para aguentar o parto normal, era muito triste, e não dava tempo de chegar à cidade (Seu Juca, 67 anos, em entrevista realizada no dia 14 de agosto de 2015).*

Hoje, na comunidade, esta prática não é desenvolvida, pois, com a abertura de estradas, instalação de um Programa Saúde da Família, as mulheres são acompanhadas por uma equipe médica e, em caso de urgência, tem a possibilidade de serem encaminhadas a Poconé-MT, como mais facilidade, sob a supervisão da equipe médica. Devemos salientar que as parteiras tiveram e têm um papel fundamental nas comunidades rurais, trazendo ao mundo uma enorme quantidade de crianças.

Outro percurso que marcou a história de vida de seu Juca foi sua trajetória escolar, segundo ele, não foi fácil, mas valeu a pena concluir somente até quarta série do Ensino Fundamental. Ao retornar às lembranças de 1970, foi possível perceber emoção em relembrar alguns fatos deste período:

*Aqui tinha somente até a quarta série, não tínhamos a oportunidade que tem hoje. Era sala multisseriada. [...] Tive três professoras: a primeira deu aula dois meses e se casou e foi embora da comunidade, com a segunda ocorreu o mesmo caso, mas com a terceira foi um prazo mais longo, pois ela já casou com meu irmão daí não precisava ir embora (Seu Juca, 67 anos, em entrevista realizada no dia 14 de agosto de 2015).*

Seu Juca relatou as condições estruturais em que ele estudava neste início educacional na comunidade. As aulas eram realizadas debaixo de árvores, os alunos sentavam no chão ou em pedaços de madeiras oriundas do corte das árvores. Posteriormente, seu Sebastião cedeu um espaço em seu terreno, e construiu um espaço destinado à escola, era coberto de palha, não havia paredes, os alunos continuavam sentando em pedaços de tocos de madeiras.

O relato de Seu Juca vem confirmar o relatório da UNICEF, publicado em 2003;

*As unidades educacionais localizadas no meio rural estão longe das residências e as condições de estrutura são precárias, geralmente as construções são de palha ou de pau a pique; poucas possuem água potável e as instalações sanitárias são inadequadas (BRASIL, 2003, p. 15).*

Essas condições de ensino, em alguns locais do Brasil, ainda são realidade, porém muito se tem avançado a fim de minimizar estas situações existentes nos meios rurais, pois é travada

**VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica**

**UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016**

**Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676**

uma constante briga entre os movimentos sociais, poder público e órgão judiciário em busca de eliminar ou minimizar o descaso educacional em que se encontram algumas comunidades rurais.

Para escrever, tinha apenas uma opção: ou sentava e escrevia no colo, ou vice-versa, pois não havia carteiras disponíveis para os alunos. Porém, segundo ele, a vontade de estudar superava todos estes e outros desafios que havia naquela época.

Além de lecionar, a professora desenvolvia outras funções, como preparar a merenda e realizar a limpeza do espaço escolar. Com o passar dos anos, o espaço escolar ganhou uma pequena melhoria em infraestrutura com a construção de duas salas. Esta melhoria se deve ao crescimento populacional que a comunidade estava passando, em que os interesses políticos começaram a falar mais alto do que a ação imparcial e igualitária de garantir os direitos aos cidadãos.

As dificuldades enfrentadas por Seu Juca parecem com a história de vida de vários líderes de comunidade quilombolas que iniciaram suas lutas em busca de um pedaço de terra que pudesse proporcionar a sua família uma melhoria de vida.

Neste período inicial, as condições de acesso eram difíceis, devido à falta de estradas, ausência de transporte público, que se tornam barreiras neste processo histórico, que impossibilitavam sonhar com outro futuro. Porém, pela luta, e por meio educação, é que ele percebeu a oportunidade de mudar a história de sua família e comunidade, voltando a acreditar que o desenvolvimento da comunidade seria possível. Hoje, ele tem orgulho em dizer que ajudou a desenvolver sua comunidade pelo seu trabalho nas atividades braçais, pela sua luta militante em busca de melhorias que, aos poucos, foram se tornando realidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O registro do percurso histórico na Comunidade do Chumbo, por meio dos relatos de memória de Seu Juca, nos permite afirmar que houve empenho e luta por parte dos moradores. A mobilização das famílias e liderança comunitária permite inferir que havia um profundo desejo pelo desenvolvimento da localidade. Fez-nos refletir sobre a importância da educação para a conquista da ascensão social da sociedade brasileira, principalmente aquelas localizadas em comunidades negras, nas quais, muitas vezes, as oportunidades não chegavam para todos, e, quando chegava, a escolaridade era o fator determinante para se apossar ou não dessa oportunidade.

Destaco, também, ao final deste ensaio, a importância da história oral e da memória para a preservação da cultura e da tradição das comunidades quilombolas, pois, por meio destes guardiões da memória, os contos, as danças e as religiosidades são repassadas para aqueles que não vivenciaram este percurso histórico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: EdFGV, 2013.

ALMEIDA, Cristóvão Domingues de. **Comunicação e cultura: práticas cotidianas e construção da cidadania na comunidade quilombola Campina de Pedra, município de Poconé-MT**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

ALMEIDA, Eliana do Sacramento.; MIRANDA, Carmélia Aparecida. **História Oral, Comunidade Quilombola e Preservação da Saúde: Narrativas e Rememoração**. In: X Encontro Regional Nordeste de História Oral: História Oral, Educação e Mídias., 2015, Salvador/BA. Anais [http://www.nordeste2015.historiaoral.org.br/resources/anais/11/1439163055\\_ARQUIVO\\_ARTIPOENCONTRODEHISTORIAORAL2015.pdf](http://www.nordeste2015.historiaoral.org.br/resources/anais/11/1439163055_ARQUIVO_ARTIPOENCONTRODEHISTORIAORAL2015.pdf) Salvador/BA, 2015. p. 24-37.

BASTOS, Priscila da Cunha. **Entre o quilombo e a cidade: trajetórias de individuação de jovens mulheres negras**. Dissertação de mestrado. Niterói-RJ. Universidade Federal Fluminense. 2009.

BRASIL. **Relatório da situação da infância e adolescência brasileiras. Diversidade e equidade: pela garantia dos direitos de cada criança e adolescente**. Unicef, Brasília, DF, [2003]. Disponível em: [http://www.unicef.org/brazil/pt/siab03\\_1.pdf](http://www.unicef.org/brazil/pt/siab03_1.pdf)>. Acesso em: 21/11/2015.

CASTILHO, Suely Dulce de. **Quilombo Contemporâneo: educação, família e culturas**. Cuiabá, EdUFMT, 2011.

EVANGELISTA, Suelme. Raízes negras de Mato-Grosso: benguelas, congos e minas. Santos, Ângela Maria dos (org). **Educação com Diálogos com a Diversidade**. Cuiabá: KCM Editora, 2010.

FERREIRA, Rebeca Campos. O artigo 68 do ADCT/CF-88: identidade e reconhecimento, ação afirmativa ou direito étnico? **Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p.5-22, jul. 2010.

MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. **Vestígios Recuperados: Experiências da comunidade negra rural de Tijuaçu – BA**. São Paulo: Annablume, 2009.

MOURA, Antonio Eustáquio. **Quilombo Mata Cavalo, a Fênix negra mato-grossense: etnicidade e luta pela terra no Estado do Mato Grosso**. Tese de doutorado. Campinas, SP : [s. n.], 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Origem e histórico dos quilombos em África**. In: MOURA, Clóvis (Org.). **Os quilombos na dinâmica social do Brasil**. Maceió: EdUFAL, 2001.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é Benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na história oral. Projeto História (15). São Paulo: EDUC, 1997. P. 13-49.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

SILVA, Lisandra Oliveira.; DIEHL, Regina Oliveira.; NETO, Vicente Molina. NARRATIVA ESCRITA: **Relacionando a produção de conhecimento e a formação docente**. In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA - IV CIPA Espaço (auto) biográfico: arte de viver, conhecer e formar. 2010. São Paulo. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/f3p-efice/publicacoes/vera\\_cipa.pdf](http://www.ufrgs.br/f3p-efice/publicacoes/vera_cipa.pdf) acesso dia 01 de abril de 2015.